

## IBRAHIM NOBRE: 100 ANOS

Henrique L. Alves

Um sentimento de nostalgia, saudades e emoção tomou conta da gente paulista presente à sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, presidida por Lycurgo de Castro Santos Filho e palestra de Silveira Peixoto, comemorativa do centenário de nascimento do tribuno Ibrahim Nobre. Um roteiro biográfico a determinar a presença de uma personalidade forte, figura simpática, cabeleira peculiar, *embranquecida pelo tempo*, porte atlético a esbanjar elegância no andar.

Simples e humano, amigo de sempre, conversa carregada de *magia, poesia, ternura, muito amor a São Paulo*. Eu o via cruzar as ruas da *Paulicéia e os eventuais encontros eram sempre festivos*. A sua posse na Academia Paulista de Letras sagrou o 9 de Julho de 1960 com a expressão do espírito paulista, saudado pela palavra eloqüente de Menotti del Picchia. Depois, a homenagem aos seus 80 anos, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, presidido por Aureliano Leite com palavras candentes de civismo de Austregésilo de Athayde, outro encontro inesquecível de São Paulo. Era o duelo de palavras cívicas e constitucionais daquele que saudava e de quem agradecia.

Nasceu Ibrahim Nobre a 19 de fevereiro de 1888, na rua Direita, paulistano da gema, predestinado a carreira de lances heróicos na linha de uma formação na Faculdade de Direito do largo São Francisco. *Recebeu ensinamentos essenciais para sua formação mental e moral para viver o seu tempo*. Bacharelou-se em 1909 e opta pela carreira de delegado de polícia e sua senha é: “Nunca fui autoridade: sempre fui utilidade.”

A sua vida sofre uma guinada para a política, optando a estrada da constitucionalidade. Integrado na promotoria pública, começa a experimentação de uma liderança, com objetivo de determinar a voz de São Paulo, concentrando-a no espírito paulista. Usa todos os meios para exaltar a liberdade no direito sagrado da ordem e da Constituição. É o ato heróico contra a Revolução de 30 a conspirar como autêntico líder e tribuno. Concita para a revolução paulista. Seus discursos pautam pelo primor de frases e conceitos. O texto “Minha terra, minha pobre terra” é uma obra-prima, uma peça antológica. Vale a pena ler e refletir:

“Ah! se o Brasil pudesse escutar a própria alma! Bastava-lhe ajustar o ouvido ao coração da Academia! E escutar! E sentir! São os passos do passado que perpassam num frêmito de sonhos que deflui. É o reviver de todas as fanfarras. Claro éco de todas as patrulhas! É Castro Alves que clarina! É Rui! E o Brasil sentiria nesse nobre revôo salutar que sua alma ficou nessa Academia como ‘dentro de um búzio ficaria a memória do mar’. Minha Terra! Minha pobre Terra! Alma feita dessa mesma brasilidade, a que deste, numa permanente renúncia, as mãos, o ouro, o sangue! Tu foste o filho abençoado, o amigo certo, o melhor irmão! Foste para o Brasil em suas horas: o Clarim! A Clareira! O Claro!”

Ibrahim Nobre foi figura prevista e chantada na glória do ontem. Equilíbrio, ritmo, ideal, fé, honra, dever, consciência, sonho, amor, a formar o conteúdo de uma epopéia. E do exílio ao retorno encarnou ao longo dos anos os ideais que justificaram a luta contra a agressão e a covardia.

Comemoramos o seu centenário nas indagações do ontem e do hoje. No imperativo dessas indagações, ouçamos a voz candente do tribuno:

“Mães paulistas! Ensinai vossos filhos que o sangue não vale pelo que corre humanamente nas veias, mas pelo que palpita humanamente no coração! Que filhos que vem da honra, morrem com honra, pela honra. Esposas e noivas da minha terra! Afirmar aos vossos maridos, aos vossos prometidos que o amor não se prova pelo que obtém, mas pelo que renúncia. Que não há lar livre em terra escrava... Olhai: lá fora estão passando os funerais da nossa geração e do nosso poder! Então, homens?”

Ainda ressoam suas palavras improvisadas e eloqüentes, tanto no discurso de posse na Academia, bem como, a do agradecimento na festança dos seus 80 anos. Ainda estão latentes palavras de saudação a Paulo Bomfim que é São Paulo na posse do poeta na Academia Paulista de Letras. Revisão do passado, reciclagem da história, reflexão da memória. Felizes daqueles que viveram esses instantes que estão diluídos, esmaecidos, esquecidos nas horas que se escoam sem o civismo heroico.

Aonde, brasileiros de São Paulo está o civismo?